

DINA SALÚSTIO

**MORNAS
ERAM AS NOITES**

3.^a Edição

INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL

«Ficção»
2002

...De como elas se entregaram aos dias

DINA SALÚSTIO

MORNAS
ERAM AS NOITES

3.^a Edição

INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL
«Ficção»
2002

LIBERDADE ADIADA

Sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima. Esperava que a qualquer momento o coração lhe perfurasse o peito, lhe rasgasse a blusa.

Como seria o coração?

Teria mesmo aquela forma bonita dos postais coloridos?

Seriam todos os corações do mesmo formato?

...Será que as dores deformam os corações?

Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças.

Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava:

Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero descaído. Bom seria que caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente.

Não. Não voltaria para casa.

O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final.

Ficha Técnica

Título	Mornas Eram as Noites
Autora	Dina Salústio
© 2002, IBN e Autora	
Edição	Instituto da Biblioteca Nacional — Direcção do Livro — Praia
Colecção	«Ficção»
Capa e Concepção Gráfica	Tony Ramos
Impressão e Acabamento	Gráfica do Mindelo, Lda — S. Vicente
Tiragem	3000 exemplares
	Setembro 2002

Conhecia aquele tipo de sorriso e não tinha boas recordações dos tempos que vinham depois. Mas um dia havia de o eternizar. E se fosse agora, no instante que madrugava? A lata e ela, para sempre, juntas no sorriso do barranco.

Gostava da sua lata de carregar água. Tratava-a bem. Às vezes, em momentos de raiva ou simplesmente indefinidos, areava-a uma, dez, mil vezes, até que ficava a luzir e a cólera, ou a indefinição se perdiam no brilho prateado. Com o fundo de madeira que tivera que lhe mandar colocar, quando começou a espirrar água e já não suportava uma torcida de farrapo, ficou mais pesada, mas não eram daí os seus tormentos.

Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder.

Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou a saber o que aquilo era.

À borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito.

O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhora!

Apressou-se a ir ao encontro deles. O mais novito devia estar a chamar por ela.

Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás.

Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço da sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais.

A OPORTUNIDADE DO GRITO

Quando cheguei, a conversa que ia a meio foi interrompida para os cumprimentos e uma breve troca de elogios, porque nos amamos e, por isso, há sempre um tempinho para uma palavra carinhosa que, livre, voa de umas para as outras.

Elsa pareceu-me triste e ainda pensei que estivesse a fazer charme, já que o vestido que trazia ficava a matar com um rosto ligeiramente tocado pela tristeza ou... qualquer coisa parecida com um pingo de desgosto.

A outra mulher é dessas que ao olhá-las, naturalmente a palavra vencedora nos vem à cabeça. Não pela arrogância patenteada, mas porque a força inquietada que lhe escapa dos olhos, diz muito da sua capacidade de derrubar tudo que seja obstáculo ao que deseja.

Elsa levava o cigarro à boca, com tanta ansiedade que por momentos me distraí, pensando em como um simples e insignificante cigarro pode marcar de maneira cruel a nossa fragilidade.

— Tens que largar essa maneira de estar, pôr de lado o marasmo que te envolve. Parece até que estás a pedir esmolos à vida — dizia a vencedora.

Eu estava furiosa por não ter chegado uma meia hora antes, e percebe-se.

— Arranja força, sacode o mau olhar ou seja que diabo for, mas

vive — continuava, agora num tom tão alto que obrigava um ou outro passante a diminuir o passo.

Olhei para a Elsa esperando uma reacção, que só chegou depois de uma possível análise interna da legitimidade da resposta:

— Mas se eu não faço mal a ninguém! Se eu nem tenho inimigos!
— Ah! Ai é que está — quase gritou a outra — tens que incomodar, mostrar que existes, perturbar, brigar com o mundo e contigo. Sobretudo contigo, É um treino que atraí bons fluidos. Os outros, vendo a coragem com que te desafia a ti mesma, respeitam-te e temem-te. Tens que dar umas trochadas, rapariga, porque quem não as dá, acaba simplesmente por as apanhar,

— Claro que não quero continuar neste vegetal e, para que saibas, luto, esforço-me, rezo, mas não adianta muito.

— Rezas? E como é que rezas? — grunhiu a outra, já no limite do que parecia a sua paciência.

— Rezo, peço a Deus...

— Pedes a Deus? Idiota! Tens é que discutir com Ele. Enfrenta-O como mulher. Mostra-lhe as tuas razões. Grita se for preciso. Ele é que te pós aqui, não é? Pois que assumas a tua parte da responsabilidade. Enfrenta-O. Deus gosta de mulheres fortes — gritou.

De repente eu percebi que ela era uma mulher vencedora porque enfrentava com garra todas as situações, mesmo que a situação se chamasse Deus. Encostei-me a mim mesma gozando o prazer da descoberta.

MORRER DE AMOR

Era uma unha vermelha do dedo maior de uma mão como eu esonhei as mãos de uma mulher: suaves, exuberantes de ternura e compridas, compridas até ao infinito de mim.

A unha carregava algo que a tornava diferente das suas parceiras, que a gente diz risca e ela risca; arranha e ela arranha e só têm personalidade quando, no último momento para um compromisso importante, se metem pelos fios das meias ou do pullover preferido e em dois tempos os planos de pontualidade vão por água abaixo, porque há que se reprogramar o vestuário.

Ela tinha vida própria e escrevia desenhos interditos, promessas de tortura, desejos conhecidos.

Tentei fugir ao contacto, mas onde estava os reflexos não me obedeciam.

Eu estava no céu. As flores, os cirios acesos que as correntes de ar teimavam em apagar, as caras circunspectas dos familiares e vizinhos, o desânimo dos amigos e o inconformismo da Nili, a gata da minha estimação, os castiçais amarelados e tão despersonalizados como os milhares de defuntos assistidos, estavam aí para provar o meu estado recém adquirido. Contra este nada podia fazer, mas aquela unha vagabunda andando pelo meu corpo dava-me arrepios desafiando-me a descobrir a sua dona.

Já nem sei como aconteceu a minha morte. Lembro-me vagamente de ter havido uma luta e que, passados minutos, horas talvez, dei por mim numa espécie de nuvem e lá me encontrava quando a maldita iniciou as tais provocações que se eu estivesse com um restinho de vida que fosse, daria resposta à altura porque nunca fui pessoa de levar injúrias para casa.

A unha cravou-se-me na barriga.

Meu Deus faz com que ela não me toque no umbigo, por favor! Lembra-te que sofro de cócegas. Incorríveis cócegas. Insuportáveis cócegas.

Parece-me que no Além são mais sensíveis às súplicas porque imediatamente o dedo da unha enorme e vermelha iniciou um novo tipo de passeata, em círculos ora largos, ora apertados, por outros cantos, deixando-me mesmo assim, em posição psicológica para começar uma gargalhada.

Refilei contra os bárbaros costumes ocidentais que me fecharam os olhos e as outras minhas portas, impedindo-me definitivamente de ver e cheirar a dona que de forma tão insólita manifestava a sua tristeza pelo meu desaparecimento.

A unha vermelha escorregou, enrolou-se-me num cabelo, puxou-o e eu dei um grito capaz de acordar qualquer morto, blasfemando contra as farpas da vagabunda.

Ángela encostada a mim, suave como a luz da tarde que entrava pela janela, sorriu e disse numa voz vinda do fim do mundo:

— Passaste pelo sono, amor.

Abracei-a feliz pela vida reinventada e beijei a safada da unha enorme e vermelha.

CAMPEÃO DE COISA NENHUMA

A noite ia a mais de meio. Grupos de homens e grupos de mulheres convenientemente estabelecidos. Eu fazia o protocolo e chegaste e como manda a praxe, fui-te passando um copo para as mãos e porque não te conhecia disse-te: os campeões das anedotas estão ao fundo, ao lado, os campeões da política internacional, à esquerda os do futebol, os do sexo, abaixo do abacateiro, os dos copos, junto ao bar e iniciei a retirada porque não havia mais nada que dizer e já tinha falado demais para uma noite só e sentia uma espécie de necessidade de dormir ou fugir sei lá para que bandas.

Espantado com o acolhimento (como dirias mais tarde), tiraste-me o copo para encher e disse-te que não bebia e que o copo era para ter as mãos ocupadas e limitar o consumo do cigarro. Foi então que me disseste que não eras campeão de coisa nenhuma e nem sequer eras bom em qualquer coisa e que eras um tipo normal.

Não havia tristeza nas tuas palavras e, como pensei que um homem normal o mínimo que se devia sentir era triste pela revelação e porque já havia percorrido vários grupos onde cada um era melhor que todos e estava com uma espécie de raiva concentrada, disse-te não te preocupes, pois há um campo onde não precisas de provar nada. Vai para abaixo do abacateiro. Faz um sorriso ambíguo como quem está farto e cansado, mas conserva as energias incólumes. Conta as tuas

fantasias e os teus fantasmas. Os teus e os dos outros, como coisa resolvida. Incarna os actores do hard core. Inventa situações, viagens e encontros, princesas e prostitutas, virgens e lésbicas, homossexuais, mulheres casadas, ninfomaniacas, colegiais e o resto. Inventa. Inventa o mais que puderes. Faz como os outros. Dá nomes e moradas e não te preocupes, porque não te vão julgar pela baixaza porque é prática aceite. De bom tom é dares nacionalidades diferentes aos teus parceiros. Agora uma, duas horas depois outra, e outra e outra. És o maior e não liguês às incoerências. Mente. Mente muito. E sobretudo exagera. Exagera até ao impossível. Vai. Campeão é assim.

Teimosamente disseste que não podias, que não querias fazer-te de atleta de façanhas tantas, porque eras adulto e há muito passaras os dezassete anos e que as tuas necessidades e os teus interesses eram outros e que as tuas fantasias eram as tuas parceiras e expô-las em público seria como veres-te ao avesso num grande écran. E acrescentaste que o ridículo te perturbava e, muito sério, juntaste: o pior é que o ridículo de cada um de nós perturba a todos profundamente.

— Porque então? — a pergunta sai-me quase violenta.

— Ensinaram-nos que devíamos ser heróis de qualquer coisa. Exigem que façamos permanentemente exercícios de auto afirmação. Não nos educaram para corajosamente debatermos os nossos medos, falhas, hesitações, infernos. Apetrecharam-nos com o mito de supermachos e esperam que sejamos sempre vencedores, fazendo-nos inimigos da própria maneira de estar, escamoteando a verdade, falseando as fronteiras. E porque somos apenas normais e temos vergonha da nossa normalidade, passamos o tempo todo a pensar numa roupagem que impressione. E vestimo-nos de atletas e mascaramo-nos de campeões, para, às escondidas, chorarmos a nossa simplicidade, a vulgaridade que enforma os nossos sentimentos íntimos. Não temos coragem para dizer não sou o melhor e não tenho que o ser, nem justificar-me da minha fragilidade. Entrar em competição com as minhas fantasias e as dos outros seria sinal de simples imaturidade e falta de respeito por mim próprio — prosseguiste descontraído, quase a rir.

Alguém chamou-me porque o meu carro estava impedindo a saída. A conversa não podia ser retomada. Hoje lembrei-me de ti e pensei como podemos ser tão bonitos quando conseguimos ser nós próprios:

ONDE ESTÁ A VERDADE?

Ao voltar, longos anos depois, à praia de Escorralete, tive a sensação de me ter enganado no caminho, mas um rapazito, guardador de cabras, garantiu-me que eu estava no lugar certo e pude ver nos seus olhos o espanto pela minha hipótese de engano. Como seria possível confundir aquela praia com alguma outra no mundo?

A praia da minha memória tinha quilómetros e quilómetros de areia branca, com ondas que desafiavam a nossa imaginação e coragem, pondo em estado de constante alerta os nossos familiares. Agora era um niquinho de areia de cor nenhuma, que eu não conhecia e na certa não se lembrava de mim.

Estava difícil o regresso já que nada se enquadrava no meu conhecimento.

Lembrava-me de que a minha última entrada nas ondas do Escorralete tinha sido às cavalitas de um tio gigante que deveria ter quase três metros de altura. Quando deixei de ser criança — quem me obrigou, meu Deus? — e ao estar de novo com ele, descobri que mal ultrapassava o metro e oitenta.

O encontro com esse tio foi outra revelação. A sua chegada à nossa casa, em São Vicente, era sempre motivo de festa e fazia-se rodear por um certo ritual que se renetiu ano após ano: sentava-se num banco

mandavam, a cada um de nós, com as manutenhas e recomendações individualizadas.

Lembro-me que a mim dizia-me sempre: tens que ir conhecer Alto Mira. Terminada a excitação da chegada e do abrir de encomendas, pedia os nossos cadernos escolares e desfolhava-os atentamente, lia os nossos trabalhos e fazia-nos perguntas, a que iam respondendo, sus-pensos do medo de nos enganarmos, como a temer alguma repreensão. Mas ele nunca se zangava connosco se errávamos. Quando fui para o primeiro ano do liceu, a minha maior alegria foi, ao vê-lo, dizer-lhe que estava a aprender o francês e que já sabia algumas palavras. Pacientemente, ele me perguntava como se dizia tal ou tal coisa naquela língua.

À noite, depois dos negócios feitos, falava connosco, geralmente sobre a chuva, as cheias, as árvores, as secas, a terra e os animais. O seu cavalo de estimação chamava-se Louro o qual não aceitava que alguém o montasse, a não ser o meu tio.

Quando se despedia, dava-nos dinheiro para rebuçados e ficávamos durante uns dias comentando as coisas que ele nos contava.

Passados uns dez anos voltei a encontrar o meu tio e surpreendi-o pedindo à minha mãe que lhe escrevesse uma carta para um dos filhos emigrados. Deu-me um nó muito grande na garganta, por ver aquela imensidade de homem privado de uma coisa tão simples como a escrita, que nós, desde crianças, dominávamos, quase que instintivamente. Se os meus pais esperavam que eu fizesse algum comentário, não o demonstraram e penso que nenhum de nós presentes tinha capacidade para dizer fosse o que fosse.

Depois, pensando melhor, achei bonita aquela mentira que nós todos vivemos ao longo de todos aqueles anos e comoveu-me os pais não terem contado a verdade.

Mas afinal o que é a verdade? E se a praia de Escorralete da minha infância foi rica para mim, sem areia e sem tamanho, onde estava a mentira nas minhas recordações?

E o meu tio? Se não tinha três metros e nem sabia ler, onde estava a mentira se desafiei os outros miúdos às costas dele, e nunca nenhum me havia derrotado? Onde estava a mentira nos nossos diálogos de criança e lavrador?

No meu regresso, a água da praia de Escorralete era tão quente como há centenas de anos atrás e eu sei que um dia hei-de ir conhecer Alto Mira.

UMA VIAGEM DE SAUDADES

Há amigos a quem tenho prazer em oferecer um copo. Não pelo facto de só beberem água, mas também porque entre um gole e outro contam estórias que me cativam:

— A mulher não tinha traços de beleza, rescaldos dos seus dezasseite anos que eu pudesse dizer: foi uma linda mulher! A fita azul que lhe prendia o cabelo pintado, num rabo de cavalo, ficaria bem em alguém mais jovem e o vestido parecia-me um tanto deslocado no seu corpo. Não sei porquê, mas algo nela não batia certo, ou talvez o meu senso crítico estivesse pouco complacente, apesar da manhã de sol e da água azul serem o suficiente para amenizar o azedume de qualquer humor.

Ela saíra aos dezassete anos, trinta anos atrás. Deixou noivo e uma promessa de emigrarem juntos para a América logo que voltasse da viagem que duraria três meses. Ia conhecer o pai, que, por causa de uma hipótese de traição, tinha jurado nunca mais voltar à ilha Brava.

Dos três meses iniciais a ausência durou trinta anos e três dias. Voltava agora. Intacta. Para casar com o primeiro namorado, moço bonito, branco e de cabelo fino; tão fino como qualquer francês. Voltava e nunca mais, em nome de coisa nenhuma, se separariam.

Contou-me todos os sonhos da sua juventude, os segredos, os jogos partilhados com o noivo, as esperanças e as certezas.

Era a primeira vez, naqueles anos todos, que falava do assunto e abria o coração, porque dantes não valia a pena.

Mas agora que estava tão perto da ilha Brava, só lhe apetecia falar dele, dele e mais dele e da certeza de se casarem que sempre guardou.

Disse-me o nome do homem e teve que o repetir umas duas vezes para eu o ligar à pessoa que conhecia, atarracado pelos anos e pelas gorduras, careca, avermelhado pelo grogue.

Não disse nada à rapariga de dezassete anos, que estava à minha frente trinta anos depois.

Ela casara em França, foi feliz, foi infeliz, viveu e morreu como todos nós nesses anos todos; mas era como se o tempo lhe tivesse poupado o coração; como se a esperança não tivesse sofrido um lanho que fosse, enquanto estivera ausente.

Podia ter-lhe dito que voltasse para a França, para junto da filha e dos netos e que esquecesse os antigos amores que só devem existir na lembrança guardada, mas fiquei calado e nem pude sorrir para ela e desejar-lhe sorte quando se levantou do caixote para embarcar no Furna a caminho da sua ilha e do seu homem.

Nunca mais a vi. Nem gostaria de a ter visto. Para quê saber de anseios sem resposta.

FORAM AS DORES QUE O MATARAM

Não importa o dia. Nem importa mesmo o ano em que se conheceram. Aconteceu. E houve um momento em que se amaram. Talvez tenha havido muitos momentos em que se amaram.

Depois, a rotina de vidas que se afastaram e, incompreensivelmente, continuam juntas. E, dramaticamente caminham juntas, num desafio permanente à vida, à morte, ao direito de viver.

Não matei o meu marido.

Eu amava-o. Porquê matá-lo?

Foram as dores do meu corpo que o condenaram. Foram o sangue pisado, o ventre moído, as feridas em pus.

Foram as pancadas de ontem, as de hoje e, sobretudo, as pancadas de amanhã que o mataram.

Eu amava-o. Porquê matá-lo?

Foi o meu corpo recusado e dorido após o uso e os abusos. Foram a tristeza, o desespero e a dor do amor que não tinha troco.

Eu amava-o. Porquê matá-lo?

As vezes ficava à janela, meio escondida, vendo-o partir para o trabalho com a roupa que eu lavara e engomara. Gostava do seu modo de andar, do jeito como inclinava a cabeça. Via-o partir e ali ficava horas e dias à espera que voltasse e me trouxesse um riso e a esperança de que as coisas iriam mudar. Nesse dia não lembraria mais os tem-

pos duros, os paus de pedra que me roíam e me desgastavam as entranhas. Mas para mim, não voltava nunca. Apenas para pedaços de meu corpo que esquecia logo.

Eu amava-o. Porquê matá-lo?

Ele matou-se. Criou um espaço onde coabitavam a violência, a destruição, a miséria, o animalesco. E nós.

Deu-me as armas e fez-me assassina.

...depois ficou tudo escuro.

E o corpo a doer, a doer, a...

Um soluço frágil absorve a última palavra.

FILHO ÉS, PAI SERÁS

Lembro-me que a minha mãe utilizou na nossa educação, além de uma varinha de marmelo de que fazia uso frequente, embora sem muita energia, diga-se, uma série de provérbios ditos em português que, no contexto quotidiano crioulo, adquiriam um peso e um estatuto que nos amedrontavam.

Depois de solenemente mastigados os provérbios, não havia nem mais um olhar, nem mais um grito ou gesto: apenas as costas altivas da minha mãe, orgulhosa, penso, por nos ter arrumado com a sentença suprema.

...Pois, o primeiro Domingo de Maio já ia no final quando o telefone tocou e era a minha mãe dando-me os parabéns. A sua voz era bastante irónica e eu, ligeiramente confusa, olhei para o calendário, perguntando-me se teria esquecido o seu aniversário. Respirei de alívio ao constatar que seis de Maio seria no dia seguinte e indaguei-lhe do motivo de tamanhos parabéns ao que, num tom agora contudente, porque ela tem um geniozinho terrível, foi avançando que era o dia das mães e que, logicamente, eu teria sabido pela rádio ou televisão. Consegui convencê-la da inexistência desse tipo de ligações minhas com o exterior aos fins de semana e, entre beijinhos e abraços atrasados, obtive o perdão, não sem, antes de despedir, me lembrar um dos seus ditados preferidos: «Filho és, pai serás, assim como fizeres, assim acharás» e ao qual me ligou sempre um certo mal estar.

Mal desligou, o meu codê telefonou dando-me os parabéns e dizendo uma série de mimos que geralmente precedem um pedido seja do que for, normalmente de outras ternuras, mas desligou sem mesmo perguntar por um dinheirinho extra e isso aumentou a minha culpa por não me ter lembrado de telefonar para a minha mãe, criticando-me por um apego desmesurado a princípios que às vezes me impedem de fazer certos agradados a determinadas pessoas que merecem toda a espécie de cedências minhas.

Eu precisava de uma vingança urgente e liguei para outro filho e, sem a diplomacia da minha velhota, iniciei logo um discurso em que entravam ingratidão e coisas parecidas, sem lhe dar hipóteses de defesa, por não me ter dado os parabéns, num dia tão importante para a raça humana e não só se calhar. Perdi o latim e o crioulo, porque esperito como me saiu, foi logo dizendo que, para ele, todos os dias são o dia da mãe e recorrendo a uma análise relâmpago das sociedades de consumo e dos seus truques, falou da artificialidade dessas datas que obrigam o cidadão incauto à compra de mais prendas, mais flores, mais missas, mais postais, mais impulsos telefónicos...

Ao dar-me conta que estava pendurada ao telefone e sentindo-me uma perfeita idiota, mas querendo ter a última palavra, disse-lhe o que nunca me ocorrera antes: «Filho és, pai serás, assim como fizeres, assim acharás», e desliguei, não sem uma pontinha de remorso, devo confessar.

Meia hora depois, ele telefonou: — Mãe, estou confuso. Aquelas coisas todas que falaste sobre o dia das mães, era a sério?

Conhecia-me bem e as nossas gargalhadas se juntaram, quando lhe contei do chá que a avó me havia passado, um pouco antes.

Ao desligar, pediu-me: por favor, não voltes a dizer aquela do «Filho és, pai serás». É que me sabe a praga.

A mesma sensação que eu sentia em criança, reconheci, pensando em coisas como filhos, educação, famílias. E na minha mãe.

...OU QUANDO SANTO ANTÃO É APENAS SILÊNCIO

S em como nem porquê, Santo Antão tornou-se o tema preguiçoso da conversa de espera.

Ninguém falava de ninguém, fosse conhecido, parente, amigo ou mito, como se nada tivesse importância no espaço imaginado.

A ilha era apenas ela, no sentido inicial da concepção: intocada e intocável.

Em silêncio, eu tinha o gozo do voyeur espreitando, descobrindo amores.

Ameaças, desafios, armadilhas, sereias, gongons, veleiros, temporais e calmarias e o Mar do Canal, ainda eram partes do corpo da ilha-mãe, e todos e cada um tinham algo a acrescentar às lembranças dos outros.

As palavras cruzavam-se no ar num exercício anti-diálogo. E chocavam-se ao baterem em mim.

Um dos presentes falou em energia e, falando, a respiração tornou-se-lhe mais lenta, o olhar mais estreito, as narinas trementes, os gestos pensativos e saudosos de quem já participou da força guardada daquela terra e a inscreveu nas suas opções.

Depois calou-se e afastou-se para um canto desligando-se do grupo que não acusou nenhuma reacção.

Lembrei-me de alguém que há pouco tempo ali encontrei numa ribeira entre um canavial e o mar. Foi há tanto tempo...

— Eu venho à Ilha quando me pressiona uma necessidade incontável de escuridão — disse-me.

Era um dado novo para mim. Sorri-me: Santo Antão ou a capacidade constante de me causar espanto!

Depois aprendi que escuridão é silêncio e é, pode ser, uma casinha pendurada no cume de uma rocha, ou uma lãmparina que se apaga à medida que nos sentidos se incorporam os contornos, e o mundo se ausenta para a construção do espectáculo.

Escuridão é, pode ser, uma onda imensa, onde, na crista ou nas entranhas negras, me confronto com um silêncio vazio e estranho. Dolorosamente vazio. Loucamente estranho.

Horas decorridas e é madrugada. E o outro lado da ilha que se afasta no ciclo perpétuo dos encontros e desencontros.

Hoje, na sala de espera, a lembrança de Santo Antão e de um silêncio chamado escuro.

PARA QUANDO CRIANÇAS DE JUNHO A JUNHO?

Ainda era junho e nos ouvidos ainda o eco das canções das Acrianças de junho.

Ainda era dia e no ar os restos do sol que escoava no tempo. Na rua estreita da escola e no adro da igreja, um esvoaçar alegre de batas azuis. Últimas brincadeiras antes do regresso à casa. Sorrisos cúmplices. Lembranças de piadas e gracinhas vividas.

De repente, uma rua larga, agora estreitada pela violência que transborda e agride os caminantes. Uma dúzia. Talvez menos de uma dúzia de rapazes da quarta, que deviam ser crianças e que se haviam transformado em feras, perseguindo e atacando um doente mental. Livros e pastas esquecidos na valeta. Nas mãos, pedras. Nos gestos, ódio. Olhares frios. O homem no meio, indefeso, confuso, louco, impotente, cada vez mais agitado pelos uivos dos estudantes que nunca deveriam lançar outros sons que os da alegria e da esperança. Raiva nos adultos que humilhados fogem às pedras. Excitação nos algozes que procuram derrubar a vítima. Uma pedrada no estômago e ela agacha-se, tentando proteger com gestos gratuitos e desordenados a cabeça desgrehada e velha. Mais pedradas. Mais gritos. Mais lamentos. Um carro passa. Na confusão, a figura suja e esfarrapada, de gatas, alcança uma porta onde se esconde, animal accossado.

Livros e cadernos abandonados.

Sem a vítima, os estudantes interrompem a brincadeira. Regresso à calma exterior.

Nos olhos do chefe do bando, uma indiferença cruel. Que magoa.

«... Se fosse meu pai, eu não teria pena... Se ele morresse, problema dele... Se eu gosto do meu pai? Se você o vir pergunte-lhe se ele gosta de mim, ou... se... se me conhece».

Nas últimas palavras, um soluço abandonado. Silêncio no grupo. Pedras que caem das mãos. Bando que se desfaz.

E quando o miúdo chefe se mexe e retoma o caminho para a casa, arrastando os pés, não há crueldade nos seus olhos. Apenas uma criança amarga que havia partido prematuramente um homem. Desencantado.

O meu pensamento vagueia em ondas interrogativas. Doentes abandonados. Crianças impiedosas. Pais desconhecidos. Filhos sem amor. Até quando? Para quando crianças de Junho a Junho?

Retomo o caminho interrompido. Não sei quanto tempo tinha decorrido. Que relógio é capaz de medir o tempo da violência? Em mim, era noite. Tristemente noite. Uma folha de papel dança com a brisa. Ou tempestade?

Uma pedra chutada com raiva. Às vezes a dor acalma a impotência.

ELE QUERIA TÃO POUCO

O homem da loja vizinha invadiu a sala de aula, gritando que os rapazes do «Lar» lhe tinham roubado um rádio.

O Lar abrigava adolescentes, sem família e sem casa, que acabavam por o abandonar, passado algum tempo, preferindo andar pelas ruas, nas companhias não impostas.

Colérico, o homem insultava-os, derramando toda a raiva armazenada contra os pequenos delinquentes que, volta e meia, se metiam com ele, mais para o enfurecer, do que para o roubar. Pelo menos não tínhamos conhecimento de nenhum roubo, na zona, que envolvesse os nossos rapazes.

Não faziam um gesto sequer para se defenderem do que o comediante dizia, limitando-se a olhar para um lado e para o outro, como se estivessem a assistir a um jogo de pingue-pongue. Dei comigo tentando seguir os seus olhares e, quando voltei a atenção para o homem, vi que não tinha ouvido as suas frases finais. Pensei que era um exercício que utilizavam para não se chatearem. Possivelmente, quando eu falava, também olhavam para um nada, num truque anti-chatice. Fiquei furiosa com a descoberta: afinal estava aí a gastar muito do meu tempo, da minha energia, das minhas emoções, e os rapazes desprezavam o que eu dizia!

Voltou-se-me o bom senso a tempo de ouvir o final da revolta do homem da loja.

Prometi-lhe procurar o rádio e devolver-lho, caso o encontrasse e dei a aula por terminada, no silêncio construído.

Os esforços para localizar o aparelho não deram em nada até que um dia alguém me disse que o Picas estava a ouvir rádio debaixo de uma árvore, para os lados da capoeira.

O Picas era dos rapazes mais novos e também dos mais rebeldes do seu grupo. Tinha sempre um ar de caso com que nos procurava convencer de que possuía dados sobre tragédias que irremediavelmente cairiam sobre nós, tentando fazer-nos desistir, pelo medo; mas depois que o conhecíamos, passávamos a não ligar aos alarmes que, volta e meia, lançava para o ar.

Gostava dele, da garra com que se apegava à vida, da forma como lutava para sobreviver. Nunca falou dos pais ou da família. Nem mesmo na zona da cidade onde costumava estar, alguém tinha outros dados que não fosse o apelido por que o conheciam. Para nós, era o Picas, provavelmente de dez anos de idade, fichado num processo onde as queixas sobre o seu comportamento se amontoavam, sem contribuir, no entanto, com nenhuma informação sobre o passado que desconhecíamos.

Encontrei-o deitado à sombra da árvore, com a barriguinha nua para cima, o rádio colado ao ouvido, quieto, apenas o pé direito no ar, marcando um compasso que eu não adivinhava.

Estava tão indefeso, tão entregue, que preferi deixar para falar com ele mais tarde, consciente de que cometia uma infracção. Mas eu era mais do que um número e estava farta de violências.

O Picas confessou que roubara o rádio, porque gostava de ouvir música sozinho e em silêncio e, na sala, os colegas faziam muito barulho.

Fui com ele buscar o maldito aparelho que estava embrulhado num monte de jornais, dentro de um saco de plástico e amarrado com cordas, cheias de nós. Tinha-o enterrado numa cova funda, bem feitinha, um verdadeiro ninho.

— Eu queria um rádio só para mim — dizia enquanto o retirava para mo dar.

Era mais um sonho que ele desenterrava para abandonar, para entregar.

Eu mesma devolvi o rádio ao homem da loja. Foi a única coisa que o Picas me pediu durante o tempo que estivemos juntos e que, por muito caro que me pudesse custar, eu teria que fazer.

Depois foi o castigo. Mas esse não doeu tanto. A nenhum dos dois.

E PORQUE HAVIA DE NÃO GOSTAR?

Na noite peganhenta, os corpos entraram em regime de auto-protecção. As gargantas enrouqueceram e os movimentos eram apenas os indispensáveis para dar de beber à sede. Um sapo ressonava junto de uma poça de água.

O lirto verde estava em trabalho de parto, preguiçosamente, dolorosamente abrindo as pétalas.

Elas não se olhavam. Como se ao longo de uma vida de amizade tivessem visto e soubessem tudo umas das outras e as verdades guardadas nos segredos tivessem sido há muito desvendadas.

O raciocínio, igualmente, pôs-se em defesa e a conversa voltou ao passado, sem necessidade de cautela, coerência e resposta. Os factos de muitos séculos atrás, voltavam legitimados pelas fachadas dos anos, pelos momentos de glória, pelas profundezas do inferno. Crimes, tragédias, quotidianos, amores, sonhos e pecados, tudo fluía à volta delas, em bocados desencontrados que raramente se encaixavam num outro pedaço do puzzle falado.

Uma mordedura no lábio; um franzir de testa; um toque menos doce no cristal do copo; o perfume do lirto que acabava de parir.

— O meu pai queria que eu fosse médica.

— Nunca mais falei com o Pedro.

— Vi o João num aeroporto qualquer com uma sujeitinha que me pareceu a mulher.

— Eu gostava de tocar piano. Tecla sim, tecla não. O professor até que era condescendente.

— A minha tia disse-me que eu nunca seria alguém na vida. Porra que a cabra acertou em cheio!

— Tive a noção da morte quando descobri que os pintainhos que pusera a dormir dentro de um pilão, enrolados num saco, nunca mais acordariam.

— Eu era muito preguiçosa, muito cábula e muito má.

Sete mulheres. Nenhuma médica, nenhuma pianista, nenhuma atriz, nenhuma assunto de notícia. Possivelmente nenhuma delas mulher má.

E se incendiassem a cidade?

Palácios, teatros, arranha-céus, mercados, cinemas, centros culturais, aquedutos, parques, circos, todos os circos, tudo a arder e elas no bar cheio de fumo a rir e a chorar.

Idiotice! Onde está a cidade? É isto uma cidade?

— Eu apanhava pancada por todos os motivos: por fazer, por não fazer, por pensarem que eu pensava fazer. Queria ter tido a minha mãe.

— Andei quatro quilómetros para fumar o meu primeiro cigarro. Depois diminuí a distância.

O sapo soltou um ronco mais prolongado.

Sete mulheres. Nenhuma delas notícia. Os sonhos guardados intactos, porque não vívidos eram o muro onde agora se sentavam para olhar o horizonte, eternamente futuro.

— Tudo o que vivi é passado. Eu vivo no passado.

— Queria ser a Marilyn. Casaria com o Jack Nicholson.

— Odiiei o astronauta que pisou a Lua.

— Os braços, as mãos, a voz, o rosto de Jack Nicholson.

— Ele é feito. E se não gostasse de ti?

— E porque havia de não gostar?

— Somos o passado e por isso rejeitamos o presente.

— Qual presente? Os outros, os outros, sempre os outros? E eu? E tu? E os sonhos? E as quedas? Os risos...

Nicholson gritou: As mulheres são o único erro de Deus. E atirou-se para o chão da igreja e cresceu de uma ponta a outra, de cima a baixo e as suas mãos e o seu grito saíram pela porta fora, pelas janelas fora, pela cidade fora, pelo écran fora, diabolicamente verdade.

Um tal de Reich cuspiu: Tu és um Zé Ninguém.
As mulheres sentiram-se vingadas e a namorada do Jack prometeu esquecê-lo.

UM ILEGÍTIMO DESEJO

Um indivíduo pertence legitimamente a determinado sítio a partir do momento em que lhe é reconhecido o direito de propriedade de uma esquina. Qualquer que seja. Para polsar, estar, negociar, amar. Ou simplesmente como ponto de cruzamento de estações, opiniões e olhares. Eu não pertenço a Nova York ou a São Paulo.

Nha Djina tinha a sua esquina. Ali fizera amigos. Ali despedira-se de amores. Mais tarde ali contrabandeara o seu corpo. Na altura era Djina, apenas Djina. E porque contrabandear e não simplesmente vender? O corpo era dela. Porque contrabandear? Vendia-se. E o alvará da legitimidade, deram-lho as suas necessidades. Nunca houve desejos outros. Mentira! Um dia ansiou pela volta do francês que lhe colocou na mesa de cabeceira de pinho, em cima dos dólares franceses, um sabonete verde que cheirava a encontros suaves, palavras doces, análises ternas de urgências várias.

O francês não voltou, nem o cheiro e a cor do sabonete.

Para Djina qualquer dinheiro era dólar. Ficou-lhe o hábito do primeiro dia. Se fosse hoje, talvez fosse o iene. Questão de poder.

Pela esquina da Djina passavam também os corpos a caminho do cemitério. O dela, mansamente ia passando. E os outros.

Um dia, distraída, falou do seu medo de entrar no cemitério a um cliente que, sádico, a troco de mais uns trocos, a obrigara a ir com ele até... só até à entrada.

A caveira da porta arrepiou-a e, apesar do dimbeiro se ter triplicado, não conseguiu coragem para o desempenho pretendido. Preferiu os bofetões e insultos que apanhou sem refilar. Preferiu ficar também sem a renda da casa. Pelo menos por aquela noite.

Uma única vez entrou no cemitério.

Na esquina, nha Djina, que foi Djina apenas, cabeça baixa, escondia o seu olhar tímido de quem lhe dava uma esmola. E agora sim. Agora tinha vergonha porque o corpo esgotado, recusava vender fosse o que fosse em troca de coisa alguma. Até o olhar não olhava mais.

Um dia a esquina acordou sem ela.

No ar, no único gemido, o seu testamento: — Música a acompanhá-la ao cemitério — o seu último e ilegítimo desejo.

O sobrinho, mais pobre que os pobres, espreitou, dias e dias no cemitério, todos os enterros que se seguiram ao dela. Ao décimo dia o peito minguado encheu de esperança: um senhor e seu violino choravam na campa de alguém. Raúl arranjou coragem e pediu-lhe, quase soluçando, que tocasse uma música para tia Djina. Uma só. Não a clássica morna hora di bai, mas uma canção francesa que falasse de amor — com todo o respeito, senhor — soluçou o sobrinho.

O tocador que se lembrava da vaidosa Djina, que a conheceu, que talvez, em algum segundo, a tenha amado, tocou o que Raúl lhe pedia. Não era um favor, não. Seria um prazer — disse — e não se sabia se pensava nela ou nele.

Djina sorriu no outro mundo e descansou para sempre, ao lado de um anjo que falava francês.

MÃE NÃO É MULHER

Esta história passou-se no tempo em que o meu amigo era ainda um projecto de quase tudo o que conseguiu ser. E de tudo o que não conseguiu:

«— Nas reuniões secretas com os rapazes da minha idade, em que se fazia a aprendizagem da vida, em voz baixa, olhos e ouvidos atentos a intromissões estranhas, uma das coisas que se dizia era que bofetada de mulher na cara de rapaz impedia a barba de crescer. Mas, porque lá em casa quem fazia uso da bofetada era a minha mãe, redondinha e mais baixa do que eu, nos meus compridos dezasseis anos, sentia-me livre dessa ameaça. Pensava. Porque um dia respondi-lhe mal e aproveitei eu estar sentado e... pás!

A cara ardeu e, horroizado, comecei a ver-me um homem sem barba nem bigode pelo resto da vida.

Silenciei-me observando a minha angústia, olhando-me o tempo todo num espelhinho, rezando para que os pelinhos, que já tinha na cara, não sumissem durante o sono.

Mergulhado na minha tragédia, deixei de estudar, comer e dormir. Logo que a minha mãe soube do meu desgosto contou-me uma história que não vem na Bíblia, mas que ela jurava ser verdadeira, como aliás todas as outras que contava:

Um dia Nossa Senhora mandou Jesus fazer um recado à casa da

sua irmã Isabel. Jesus foi e veio na pressa que o caracterizava (a minha mãe era especialista em indirectas).

Seguidamente, mais duas vezes, ele foi com outros recados à casa da tia, até que à quarta vez, quando Nossa Senhora lhe pediu de novo, o filho olhou para ela e disse-lhe: «Tu, também, mamã!». Nossa Senhora, zangada com o «também» do filho, deu-lhe uma bofetada.

Ao que parece, a mãe de Jesus, como as mães de Santo Antão, não gostava que o filho lhe respondesse com aquela palavra, que, pela minha experiência, era o indicador máximo de má criação e falta de respeito.

Se Jesus aceitara a bofetada, ele que era filho de Deus, naturalmente era que eu, pelo mesmo pecado, recebesse o mesmo castigo e o aceitasse, com humildade igual.

Claro que com tão divino exemplo, e depois de contemplar pela milésima vez o rosto barbudo de Jesus, numa imagem que a minha mãe foi desencantar, não sei aonde, a paz foi refeita.

Agora, pensando na minha mãe é que eu vejo como ela se identificava com Nossa Senhora e falava dela, como uma amiga. Às vezes dizia: Maria sofreu muito porque Jesus às vezes saía e nem lhe dizia para onde, mas eu não vou admitir que tu faças o mesmo.

— Olha o que lhe aconteceu no fim!

A minha mãe adaptava a vida de Jesus às suas conveniências, no fundo, jogando com a minha pouca idade. E continuou a fazê-lo, mesmo depois de eu crescer e de ela ter provas que eu me deixara de impressionar. Contudo, foi às fantasias da minha velha que eu fui buscar forças para enfrentar o drama de ficar sem barba: Se Jesus dizia que mãe podia bater na cara, mulheres é que não, então não havia motivo para preocupações».

Ao contar-vos esta história, lembro-me de uma vez em que um dos meus filhos, ainda adolescente e confuso, me perguntou: Mãe, se fosses mulher, tu gostavas de mim?

FORÇADAMENTE MULHER, FORÇOSAMENTE MÃE

Em Setembro fará calor. Para Setembro Paula terá seu filho. Ainda há dias ela ria e dançava pelos cantos. E juntava conchinhas cor de rosa na praia. E coleccionava sonhos. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha.

E as ilusões vão-se perdendo nos vômitos da gravidez.

Aos dezasseis anos não se devia ter filhos. A Natureza não soube fazer contas. Aos dezasseis anos não se devia carregar culpas. Nem vergonhas.

Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente. Agora apenas um rostinho triste e resignado que de longe em longe se abre, quando gargalhadas de meninas como ela despertam o resto de menina que ainda existe. E chora às escondidas. E faz contas à vida e às luas.

Queria vê-la com raiva. Revoltada. Decidida. Mas, por Deus, aos dezasseis anos quem pode ter essa força toda? Quem pode estar tão armado?

Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que os desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas.

Mas Paula chora às escondidas. E tem esperança. Ainda. Porque a esperança dos dezassets anos é a última coisa a deixar-se ir. Mas secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçosamente mãe. Para Setembro haverá calor.

SEM IDADE SEM VERDADE

Encontrei-te por acaso. Sorrindo, disseste-me que a vida era bela. Não te perguntei a idade. Para quê? Tu eras verão e tinhas nos olhos a madrugada. Nos gestos, a infância do louco que, montado num pássaro, desafia as nuvens. Cheiravas a rosa abrindo-se na moleza do sol e tinhas a macieza da terra bebendo o orvalho das manhãs. Trazias inteira a doçura do mar no corpo de um bote ao sol poente e o teu sorriso era a beleza de um instante belo.

Como dizer ao verão que o inverno acontece frio e triste? Como dizer à madrugada que ela é mentira, que é dia, quando a letra vence, e é noite, quando as dores aumentam? Como avisar o louco que por baixo das nuvens o abismo corre cada vez mais rápido, cada vez mais fundo? Conseguiria dizer à rosa que logo haverá missa pelas almas com terços e flores? Conseguiria? Como dizer à terra que o orvalho não basta e que a estiagem fere, racha até sangrar? Como? Poderia dizer a um instante que o dia tem muitas horas, muitos meses, muitos séculos? Como dizer ao mar, ao barco e ao sol poente que o ciclone anunciado vem aí? Como?

Olhei para ti e nem me perguntaste porque de repente ficara tão triste. E deixei-te ir. Leve. Suave. Feliz. Sem idade. Sem verdade.

O CONHECIMENTO EM DEBATE

O jantar tinha sido extremamente delicioso e não faltou nada que tivessem querido. Agora, meia noite já distante dos pontos das horas, retomavam pensamentos na intimidade de mulheres, no ligeiro sopro que vinha de outras bandas, na aragem marinha, recompensando-as do calor desagradável que fizera o dia todo.

Encostadas, nos carros parados lado a lado, nenhuma pensou nos perigos que as nossas noites agora trazem. Talvez por acreditarem que há direitos que não podem ser tocados em nome de nada.

Uma das mulheres pegou numa pedra e atirou-a para o mar. Não conseguiu o intento e ouviu-se o seu choque contra outras pedras.

A lua batia-lhe no rosto e não mostrou decepção. O pensamento estava perto demais e não havia lugar para coisas pequenas.

— Preciso de conhecer alguém para o poder amar. Para mim é fundamental o conhecimento.

— Não. Conhecimento é o princípio do fim.

— Neste caso, quando se ama programa-se o fim! — a discussão envolvia todas as mulheres que mais pareciam estar a pensar em voz alta.

— Exacto. Amas, conheces, esqueces.

— Necessário o esquecimento?

— Absolutamente. Porque há necessidade de se continuar vivo e o conhecimento é morte.

— Discordo. Pode-se viver o amor objectivando o conhecimento para um prazer mais longo.

— Mentira. O conhecimento destrói a fantasia, o vocabulário irracional e os sentimentos. Amor é ingenuidade, é vulnerabilidade, é incerteza. É ficção. Conhecimento é transparência, nudez e crueza e actua sobre o estímulo esvaziando-o, reduzindo-o ao nada existente antes do desejo.

— É cruel dissecar assim a coisa do amor. Penso que o conhecimento dá a possibilidade de não se violentar o outro.

— Engano. Enquanto há amor ninguém violenta ninguém para além do que a normalidade exige. E isso tem outro nome.

— Se eu não conheço, amo uma miragem.

— Exacto. E a partir do momento em que passas a conhecer, a miragem desaparece e o que fica é quase nada. Um vulgar quase nada.

Um amigo disse-me que o conhecimento dá nojo. — disse uma voz vinda de um interior sofrido.

— Nojo é a palavra certa. Quando nos conhecemos uns aos outros, sentimos nojo porque o tempo todo fingimos o que não somos, o que não podemos ser, o que desejaríamos ser e o conhecimento mostra a realidade, as tripas fora, a pequenez. É por isso que querer conhecer alguém é querer violentá-lo, despir-lhe a armadura, exhibir-lhe as cicatrizes, o intestino.

— A ideia de ver os intestinos repugna-me.

Querer conhecer alguém é querer descobrir que, como nós, não é nada.

A mulher que gostava de atirar pedras para as ondas atirou uma, duas, milhares de pedras pequeninas que chegaram ao mar e se afundaram. Depois dirigiu-se para o carro e disse: o dia não demora muito a chegar. Pelo menos esse é um conhecimento que não violenta.

Às vezes não violenta. — insistiu a defensora da necessidade do não conhecimento.

A INDÚSTRIA DE TAMBORES

Ou como a indústria de tambores pode constituir uma saída para o desenvolvimento de Cabo Verde, implicando de caminho a implementação da criação do gado caprino e a desburocratização da justiça neste paizito artesanal, na sua fase rudimentar.

É um homem vivo e temperado pelos pontapés da vida, como se orgulha de dizer, embora eu não veja razão para tanto orgulho, porque, cá entre nós, bom mesmo é dar pontapés e não os levar. Vinha insistindo, havia uns três anos, para lhe darem uma bolsa de estudos para o exterior para o curso de F A T — Fabrico Acelerado de Tambores, mas exigiam-lhe o XI Ano e ele não preenchia os requisitos, visto que, porque de numeração romana só chegou ao II, a professora primária o aconselhou a dar lugar a alguém mais dotado e ele deu. Agora, na 2.ª República, tinha-lhe renascido a esperança com mais força e com a mesma razão mas, por outras palavras, apresentou uma proposta que lhe pediram abalizada, e com a sua aprovação eu vo-la submeto:

— «...Sonhei um Cabo Verde despertado cada manhãzinha pelo som repicado do tambor, substituindo a horrenda música do programa radiofónico Bom Dia Cabo Verde, abafando para sempre a inestética publicidade, rivalizando harmoniosamente com o cantar dos galos, o riso das galinhas, os motores, catchupa na frigideira, trapiches e computadores.

Sonhei que a tradição seria resposta e o jornal e a rádio não seriam os veículos monopolizadores das gostosas focas e mal-dizeres e o tambor retomaria o seu tan-tan para trazer e levar mensagens, manthas, recados, avisos, boas novas e também as más, porque infelizmente a vida é assim, Sr. Director.

Sonhei que o tambor voltaria a ser um complemento do aparelho judiciário e (meu Deus, como eu sonhei!) que cada indivíduo que ofendesse a moral, a sublime nobreza do parceiro, conhecido ou desconhecido, viria para a rua atrelado ao seu tambor e desdiria nas praças, nas ruas, nos largos, nos becos e avenidas o que houvera dito.

Aí, a horas certas, Ilustre Senhor Director, eu sonhei um movimento de gente, tanta gente! tantanteando o seu tambor:

...desdigue o que tenho digue, desdigue o que tenho digue sobre fulano ou beltrano.

As cidades, vilas e zonas, não enquadradas em nenhuma das definições atrás mencionadas, teriam a cor do tambor, a vida do tambor cabo-verdiano...»

O sonho continuava agora incontrolável.

O funcionário que deu o parecer, antes da proposta ser encaminhada para um alto responsável, escreveu:

Baseando-me em pesquisas antropológicas, sociais, históricas, políticas, repito, políticas, informo que «desdigue o que tenho digue» foi costume, num passado não longínquo na Ilha, do requerente, usado para punir os mentirosos, os faltosos da verdade, os intriguistas, os vendedores, melhor, os rabidantes da vida alheia. Com resultados es-pantosos na resolução dos conflitos comunitários, ou melhor, falando de riolas. Ponto. Assinatura ilegível.

Com tal parecer, o homem já deve estar a terminar o curso de fabrico de tambores e espero que, retomada a tradição na ilha, ele possa ser estendida aos outros recantos do país e que qualquer tipo de imunidade não nos impeça de ver os milhões de «criólôs e criólãs» de tambor às costas:

— «desdigue o que tenho digue, desdigue o que tenho digue, desdigue o...»

PLEASE COME BACK TO ME

Pela varanda entram todos os ruídos do início da noite. Neles veio Lionel Ritchie num Hello inimitável e depois, dois segundos depois, entrou desarmado, trémulo, carente e agarrou-se a mim, tomou-me as mãos, os pés, a espinha, a carne toda. Era um frio esquisito que clamava por calores, ou simplesmente pedia a companhia de outros frios, através de mim.

Virei-me para o meu companheiro e, no inglês balbuciante que já ousava, pedi-lhe que me abraçasse.

Devo confessar que sou dura para a aprendizagem de línguas e do inglês apenas sabia quatro palavras e o meu amigo John, que é também fraco de idiomas, igualmente sabia outras quatro em português, e o nosso relacionamento era apenas silêncios e ternuras.

Ao meu pedido, John interrompeu o percurso de um pensamento que me desenhava no corpo, olhou-me espantado como se me estranhasse e quando lhe repeti «abraça-me», convencida de que não me tinha ouvido da primeira vez e soletrando bem a palavra, começou a bater-me, a princípio suave, muito suavemente, aumentando depois de intensidade e de fúria, acompanhando a música que se perdia no quarto, a um ritmo que já não conseguia agarrar.

Por fim deixei de lhe suplicar que parasse, em português, claro, para apenas ser o momento que vivia.

Depois, sem Lionel, Hello ou pancadas; sem amor, frioquinho e sem nada, vi o John levantar-se, olhar para mim de modo incompreensível e sair.

Passados dias, ainda confusa, contei a um amigo comum o que se passara entre nós, com todos os pormenores, tentando que me esclarecesse sobre o comportamento do John, que entretanto, sumira no tempo.

Fez uma cara desconsolada, chamou-me burra e explicou-me que, em vez de dizer «abraça-me», tinha dito «bate-me», acrescentando que só então percebia a reacção do John que lhe dissera que eu não passava de uma masoquista desequilibrada, que se sentira violentado ao bater-me e que não me queria ver mais.

Ter-me-ia rido da confusão que armara se as saudades não fossem tão grandes e, adiando o riso para quando estivéssemos juntos, decidi que ia aprender inglês, custasse o que custasse, para poder entender-me com ele, pelo menos nos detalhes domésticos de um encontro.

Inscrevi-me num curso intensivo de inglês e com muita dificuldade, ao fim de cinco meses, aprendi mais cinco palavras «Please come back to me».

Entretanto, rebentou a guerra no Golfo e perdi o contacto com o Koweit e com o John. Odiei Saddam, o poder e a paixão e soube que nunca mais iria poder dizer-lhe: Por favor, volta para mim.

FILHO DE DEUS NENHUM

«Homens e mulheres enfurecidos atacaram a cadeia onde se encontra detida a assassina do pequeno Lizandro, de três anos, morto à dentada. Autoridades redobram a segurança da prisão temendo linchamento».

«Comissão dos Direitos Humanos marca manifestação silenciosa em todas as ilhas do arquipélago, como chamada de atenção para o caso Lizandro».

«Organização dos Pioneiros Abel Djassi, com bandeira a meia haste...».

«Pessoal dos jardins infantis de Cabo Verde reúnem-se com pais de crianças, para debate...».

«Estudantes das escolas primárias manifestam a sua revolta pelo assassinato do Lizandro».

Estes títulos não apareceram na imprensa falada e escrita da nossa terra.

Aparentemente revoltamo-nos com tudo, desde o aumento dos preços dos bilhetes do cinema, à morte, à dentada, do Lizandro, no Sal, mas vamo-nos habituando, docemente, nos habituando a casos semelhantes que se multiplicam. E vamos perdendo o sentido da tragédia e da relatividade dos crimes.

A sensibilidade que nos caracterizava, existia mesmo?

Mulheres amachucadas. Homens maltratados. Crianças espancadas, de cabeças e mãos rebentadas, sorrisos desfeitos e olhos vazados. Éramos um povo de brandos costumes.

Mortes anunciadas. Prazos que se cumprem.

O pequeno Lizandro não resistiu às mordeduras e às pancadas da madrastra. Ele tinha apenas três anos. Dolorosos três anos.

Onde estão os três anos dos teus filhos? Os três anos dos meus filhos?

Filho de Deus nenhum, ele nunca seria o coleguinha de outros meninos de algum jardim. Nunca teria um professor, um amigo, um trabalho, um amor, uma vida vivida.

Não conheceu alegrias. Para ele, apenas tristezas que o seu corpo cedo recusou.

E as outras crianças espancadas por esse pai fora, por esse mundo fora? E os traumatismos que nunca saberemos, as mortes de que não daremos conta?

Éramos um povo de brandos costumes.

Na normalidade do quotidiano, a violência ganha espaço e afirma-se. Alguns defendem que a nossa dureza vem das rochas, da fome e das secas. Outros encaixam-na na escravatura.

E vamos fabricando teorias para justificar a insensibilidade e o ser cruel que existem em nós. Em todos nós.

O Lizandro não resistiu às dentadas. Quantas vezes não terá sido mordido ou batido? Quem ouviu o seu choro?

Hoje, sentimentos de compaixão, mas Lizandro, filho de Deus nenhum, já não precisa de pena.

E os Lizandros que ainda vivem?

E os outros abusos praticados nas nossas crianças?

Continuamos calados e as estatísticas não falam.

...Para quê celebrar o primeiro de Junho?

ÁLCOOL NA NOITE

A noite estava serenamente calma e o calor convidava a estar-se no terraço a olhar para as estrelas, preguiçosamente, sem pensar em pensamento nenhum. Os guardas dos prédios em construção ouviam rádio baixinho e a sua conversa não mexia com o ambiente instalado. De lá das bandas do cemitério, uma voz canta uma morna. Tudo normal se a voz não parecesse sair dos intestinos de algum bicho em vez de uma garganta humana, por muito desafinada que fosse. Era de uma mulher, reconheci com mais cuidado. Aliás, eram as vozes de duas mulheres. A segunda faz coro com obscenidades e a desarmonia, o desleixo transparente e o despudor agridem os ouvidos. Há um sentimento inoportável nas palavras quotidianas. Vêm-se aproximando. E estão bêbadas. Depois um palavrão. Talvez o eco de uma topada. E outro. E gargalhadas. Não conseguí entender a felicidade dos risos debochados. Mas haveria mesmo felicidade? Quem me encomendou o sermão? Sinto raiva. Agora posso vê-las no arco iluminado pelo candeeiro. Parecem-me jovens. Duas mulheres ainda novas. E estão abraçadas, tentando equilibrar-se, uma no corpo da outra.

Uma vala aberta. Um corpo que cai. E o barulho fere qualquer coisa em mim e não é pena. Mais palavrões e risos. Ou guinchos? Retomam a morna interrompida. Ó mar, Ó mar! Uma voz de criança surprende-me, vinda de trás de uma parede:

— Mamã, és tu mamã? — angústia e alívio na filha que encontra a mãe.

— Que mania essa de andares atrás de mim feito cachorro? Quer dia ainda te desfaço. — mais insultos.

E passam à frente. E a menina segue-as. Adivinho a sua carita triste, fazendo escola. Elas berram alto, provocando os guardas e as gentes.

A noite não tinha mais magia. Acho que nem estrelas. Apenas uma ferida no sentimento antigo de ver nas mulheres, para além de tudo, seres diferentes. Porque um estatuto de pureza para elas? Porque esta incompreensão para a sua embriaguez? Porque o preconceito contra as fraquezas que não são minhas? E vou pensando, enquanto desço as escadas.

E os passos falam vergonha, humilhação e revolta. E pena.

TABUS EM SALDO

Se tivesse nascido macho era um rapaz, mas como nasceu fêmea é mulher. As fêmeas são sempre mulheres. Mas mesmo mulheres, elas são de todos nós. Para serem protegidas. No entanto, porque já têm tudo para serem motivo de tudo, há outros de nós que as desejam para o folclore das fantasias e para o encobrimento ridículo e camuflado da irracionalidade do estar.

De repente — ou não terá sido assim tão de repente? — vamos aos esconderijos privados desta sociedade que dolorosamente ou não, recorre a proibições, enfatiza princípios, agrupa-os em tabus para a defesa mínima de um certo decoro, ou, dando uma de evoluídas, parcelas outras há, que embandeiradas na necessidade de se cortar de vez com a hipocrisia social, em nome do progresso e outros mais, arrancam a ferida onde ela dói mais: as crianças e as adolescentes.

Não satisfaz mais a orquestrada exploração da candura das meninas europeias, a sedução das orientais, a instrumentalização das americanas do sul e do norte. Não. É preciso vir para mais perto. Temos uma juventude tão bonita que há que se retirar os dividendos, transformando-as em objectos de gozo mais sofisticado, em produtos rentáveis. E por isso vamos, outros de nós, aos liceus, às escolas para as envolver em collants e transparências e expô-las em fotos aos instintos curiosos de outros.

O negócio rende. Cada espiadela vinte escudos, diz-se. Dois rebuçados ao fim e ao cabo. Barato como quase tudo em Cabo Verde. Barato como nós, a nossa autenticidade, as ambições, os sentimentos, o orgulho e a existência. Dois rebuçados: o custo de uma espreitadela ao clandestino filmado das nossas crianças fêmeas.

A gargalhada forte de um grupo de meninas perturba-me de alegria, mas imediatamente olho para os lados com medo que algum fotógrafo, caçador de corpos, esteja por perto para um primeiro contacto.

Desisti de querer ver mais. É o que a maioria faz, por cobardia, vergonha e secretos desejos que as coisas ruins deixem de acontecer.

Para depois ficam a luta, a briga e a denúncia. E as consciências tranquilizam-se com a promessa.

...À noite, na televisão, passou um filme sobre prostituição infantil, em várias nuances. Eram crianças americanas. Podiam ser cabo-verdianas.

Era o primeiro dia do Ano Novo de 1992. A primeira noite.

O QUE É ISSO DE LIBERDADE?

Reconheci-a facilmente mas o nome teimava em enrolar-se entre o meu pensamento e a língua, sem jeito de sair, dando-me o ar confuso e parvo de quem quer mas não pode.

Ao descobrir, com a sua ajuda, que era um nome com apenas quatro letras, convenci-me de vez que é mais fácil trabalhar teses complicadas e nomes sonantes do que o dia a dia da nossa simplicidade. Talvez porque as coisas comuns sejam o nosso convívio, as nossas vivências e preocupações e torna-se mais fácil conviver com alucinações e distâncias do que com a nossa própria epiderme.

Não tínhamos pressa e deixámo-nos ficar conversando, interrompidas apenas pelo ruído das carruagens que chegavam e partiam.

— Estou mais magra, vês? Perdi doze quilos. Foi o divórcio, sabes? Há treze meses e onze dias que me divorciei. Agora já não estou a sofrer, mas a princípio custou muito. Foram vinte anos juntos...

Bom, uma coisa ela devia agradecer à separação: estava superelégante num moderníssimo saia-casaco príncipe de Gales e mentalmente concordei com um amigo que diz que ser-se inteligente é tirar proveito dos desaires. Há mil anos que o não vejo. Mil anos e sete horas.

Os olhos claros da minha amiga estavam molhados de lágrimas, daquelas que aparecem sem uma razão sustentada e pensei para mim que afinal ela ainda não estava divorciada, porque entre as várias fases

de um divórcio há duas absolutamente decisivas: o veredicto e a conscientização de que a cena acabou. Para ela, a última ainda não chegara. Tem quarenta anos, imagina-se com vinte e só anda com miúdas de dezassete. Vê lá o disparate.

Eu fiquei calada. Sentia animosidade na minha amiga e não era necessariamente pela fereza das palavras, mas pelo desencanto colocado nos silêncios com que pontuava a conversa.

Enquanto falava, vi-a inteligente, batalhadora, realizada. Então por que todo aquele vazio?

— Nunca tive outro homem. Eu era uma criança quando começamos a namorar. Lembra-te? E no fim troca-me por uma qualquer, sabes? — ela fez um sorriso quase travesso e os seus olhos tiveram o segundo brilho alegre na manhã chuvosa — Estou livre e faço tudo o que quero sem ter que dar satisfações a ninguém, sem medos, sem culpas.

Estava tão humana que a minha fantasia se alegrou e voou para longe buscando restos de noites, cenas garridas, velas e foguetões.

...ouço as músicas que eu gosto e abro as janelas e deixo entrar o sol e o frio. Ele detestava abrir janelas e eu fazia-lhe a vontade. Para o poupar, sabes? Durante vinte anos. Agora abro as janelas. Agora sou livre.

O barulho do comboio que chegava abafou a sua declaração de liberdade.

Hoje, dias depois do nosso encontro, penso nela. Terá dançado na passagem de ano ou apenas abriu a janela para imaginar a vida lá fora?

COM TODO O RESPEITO, UM CAMARADA

Apreendi com a minha mãe e a Igreja a temer e a adorar a Deus.

Na realidade, posso corrigir-me: adorar a Deus com temor. Não tenho traumas, apesar de entre Ele e eu ter havido sempre uma densa parede, transparente, é certo, que nunca permitiu a transponibilidade ou pequena espreitadela ao íntimo, que fosse. Também os meus olhos nunca se levantaram para Ele. Ficaram caídos, com o peso dos meus pecados.

As distâncias tinham que ser cumpridas. Na minha impotência e na Sua omnipotência.

Com Jesus o caso é outro. Com todo o respeito, é um camarada. A gente fala-se e entende-se. Por exemplo, há espaços meus onde ele não entra porque, à partida, eu digo-lhe que são coisas minhas e de outras pessoas e não ficaria bem ele participar. Vezes há, que pelo mesmo pudor que tenho em relação a outros amigos, eu poupo-o de situações que poderiam causar algum constrangimento. Ele poderia até compreender. Estou certa de que me entenderia, mas amigo não foi feito para se encostar à parede.

Por outro lado, há departamentos da sua vida dos quais não quero nem o endereço.

Entrando, ou não, na vida de cada um, houve sempre o que se pode chamar de muito carinho e muita cumplicidade entre os dois e,

para mim, não há nada mais bonito do que esses sentires. E a protecção que me dá.

Um dia, cansada de o ver crucificado, resolvi tirá-lo da cruz onde o pregaram. Como lhe poderia falar de uma cena alegre e brilhante, estando ele triste e sangrando? Acho que eu teria que ser muito cruel.

Sem o madeiro, numa representação de ferro, deitei-o bem no meio da minha mesa de cabeceira. Num fundo de veludo azul petróleo.

Pareceu-me que sorria.

Gosto de o ver de braços abertos, pés juntos, tenso, olhando para mim, para além de mim. Gosto de o ter exposto às minhas mãos, ao meu olhar, aos meus pensamentos e diálogos, na intimidade conseguida. Comove-me. Como as coisas belas me comovem e sinto-me mais à vontade para lhe contar da minha vida. Respeitosamente.

Há dias, prometi-lhe uma vela.

Na igreja, o homem que me atendeu, meio carrancudo, informou-me que não vendiam velas e que eu as fosse comprar na loja ao lado.

Comprar e vender: sem dúvida, os termos exactos para a operação, mas que me chocaram, porque não imaginados para a operação.

Eu queria uma vela diferente. Comprida e amarelada. Das que sumindo-se, deixam cair grossas lágrimas de luz.

Não necessariamente de dor.

Tenho velas vulgares, mas essas não lhas quero oferecer. Terá que ser uma coisa bonita. Como o sorriso de um camarada. Como o sorriso da sua ternura.

UM ENCONTRO PARA DEPOIS

As vezes distraio-me a meio da conversa, com a sua voz grossa que parece insuflar ar às frases, transformando palavras melhores, e as gordas, como amor e boa noite, em promessas de dias de prazer. Nessas alturas, fico atenta às pessoas que passam, imaginando-as a tropeçar nas palavras e ponho-me a rir, com o efeito do choque. Há dias, contava-me das saudades de alguém:

— Com o tempo habituei-me a ele, aos seus telefonemas interpestivos, à oferta de préstimos desnecessários, aos convites assíduos, mas, a princípio, francamente que me incomodava, porque interferia de forma abusiva na contabilidade das minhas horas e roubava-me gostosas oportunidades de estar com os meus amigos. Tenho que reconhecer, contudo, que ele me venceu pelo cansaço e conquistou-me de tal maneira que quando não me telefonava a meio da manhã, eu ficava à volta do telefone, como um miúdo, querendo sair para algum lado, mas com medo de que me ligasse e eu não estivesse para o ouvir.

Falava mal das empregadas, da família, do governo, do não governar, dos padres, da sociedade, do tempo e de tudo e qualquer coisa que falasse ou pensasse. Entre um dichote e outro raciocinava grandes teorias, umas maiores que outras, é certo, mas de qualquer modo curiosas e com futuro. Quando queria, ele sabia cativar, mas eu acho que ele

não estava verdadeiramente interessado em provar, para quem quer que fosse, a sua capacidade de prender audiências.

Um dia, num raro momento de solidão assumidamente conseguida, dei por mim concluindo que estava a gostar dele. A descoberta bateu-me em cheio e acho que a minha cabeça gostou da nova que o coração lhe dava. Era uma amizade das que a gente não precisa de conhecer o sentido, deixando apenas que aconteçam.

Ele falava muito e, caso raro, eu ouvia mais do que intervinha, distanciando-me às vezes no tempo, para o imaginar nas situações narradas. Outras vezes, quando se sentia cansado, deixávamos os dois ficar em silêncio, ele meio adormecido e eu aí ao lado, coisa inútil, sem forças para me levantar e ir-me embora.

O velho vivia com a irreverência e a expectativa só possíveis nos dois extremos da vida, e acho que passei a visitá-lo porque admirava a forma como dava volta à velhice, ao cansaço e à doença.

Conseguiu um sentido para a sua solidão, nunca reclamando do abandono a que, a meu ver, os familiares ou os amigos o haviam votado.

Fazia-me sentir bem com a vida e um dia resolvi apresentá-lo a uns amigos.

Preparei tudo com cuidados especiais, desde a comida, às bebidas, à selecção dos discos. Sabia que ele iria gostar da música que escolhi, porque, ao contrário de mim, apreciava as coisas que começam em grande, com pompas e estrondo, para depois morrerem de mansinho, sem perturbar o primeiro sentimento vivido.

— A primeira emoção — dizia ele — é a única verdadeiramente importante. O resto são sombras ou reflexos de menor valor que não devem constar no livro dos nossos interiores.

Passava muito da hora combinada para o jantar e na sala a algazarra crescia porque se falava de qualquer coisa como futebol e eu só ouvi a campainha porque estava expectante, ansioso por lhe dar a conhecer um outro lado de mim.

Quando fechei a porta e comuniqui aos amigos que ele tinha morrido de manhã, acho que frustrei alguns deles.

Ficámos por lá atirados, sob os nossos pensamentos, sem razão para beber ou dizer qualquer coisa e depois, dei por mim a gritar, gesticulando e insultando o velho.

Não poderia ter-me pregado uma partida daquelas porque eu gostava dele e queria que conhecesse os meus amigos. Poderia ter escolhido qualquer outro dia para bater com as botas, mas não aquele. Tinha muito sacanagem, porque havíamos combinado e eu já estava cheio de saudades.

Olhei para o meu amigo que enrolava com a voz grossa a palavra saudade e desejei que um dia alguém me chorasse assim.

NATAL

É época do Natal. De prendas, de frutas secas e fios dourados. De perus e bebidas várias. De plásticos. De muitos plásticos. E de sacrifícios.

Também festa de família.

Estou numa loja. Três mocinhos semi-esfarrapados entram. Não têm pressa. Não pedem para serem atendidos. Os olhitos passam de um brinquedo para outro e neles vejo o mesmo brilho dos olhos dos meus filhos.

Timidamente, quando não se sentem observados pela vendedora, passam a mão — um dedo só — pela carroçaria de um camião. Estão mudos, num mundo à parte e nem sequer trocam olhares uns com os outros. Cada um vivendo o sonho de uma viagem, a aventura de uma corrida.

Os compradores entram e saem atarefados. E não vejo alegria neles. A cada presentinho, a cada pacotinho de uma bagatela qualquer, um balanço às notas que ficam, um cálculo mental, uma decepção. E começam as lamentações que os artigos estão caros, que a vida está cada vez mais difícil, que já é tempo de se acabar com o Natal.

Não estou de acordo. É bom haver Natal. É bom escrever aos amigos e dizer-lhes que estão comigo o tempo todo, apesar do meu silêncio. É bom haver Natal e poder dizer-te que tenho saudades tuas, que

te amo e que te queria abraçar forte. É bom haver Natal, quando não é época de sacrifícios e angústias e dívidas, para se manter uma ridícula aparência de sucesso.

A vendedora fica nervosa entre o atender os clientes e vigiar os meninos esfarrapados. Onde está a família deles? Já terão comido hoje? Só sei que estão a viver mais um Natal. O seu Natal, tecido com olhares e imaginação: Um Natal de espreita.

Uma freguesa entra: Dezembro é mau, mas Janeiro é pior. Um mês comprido. Um mês de contas. Ela fala alto, enquanto enumera as prendas que faltam comprar. O show, para se fazer notada. No fundo, a eterna necessidade.

Um dos miúdos distrai-se e solta uma exclamação. Os clientes olham para ele, para eles e para a vendedora e apertam com mais força os embrulhinhos de Natal. E a raiva e as frustrações que a contabilidade provoca soltam-se e aparecem nos olhos e nos murmúrios. São gente de bem que não podem aceitar a vadiagem que os fatinhos rotos deixam perceber.

A rapariga do balcão sente-se apoiada e expulsa os garotos. E não percebeu, porque não podia perceber, que o que os compradores queriam era que as lojas fechassem, que não houvesse coisas para comprar e que um decreto proibisse aquela mascarada toda. A sua consciência ficaria tranquila, o orgulho salvo. Talvez o Natal passasse a ser mais humano, mais de compromisso, porque não artificial.

Há um sorriso nos mocinhos que eu não percebo, como se não fizessem parte de nós. Como se fôssemos uns palhaços para os divertir. Ou quem sabe, uma certa nostalgia de não serem palhaços como nós. Tranquilamente saem, em busca de outras lojas de sonhos.

ERAM TODAS FINALISTAS

A festa colorida dos finalistas de 1990-91 levou-me a outras festas, a uma outra festa de finalistas.

Ser finalista é também colocar a fita numa roupa bonita — uma camisa ou casaco para ele; um vestido para ela.

Para Magda — ou seria outro o nome? — era um vestido azul que lhe acenara da montra de uma boutique e que não custava o preço barato de um sonho diário. Mas, para quem quer, não há preços-obstáculos aos sonhos sonhados.

...a mulher torcia e retorcia um pedaço de linha que sobrava da toalha de renda, ainda em projecto, a menos de dois terços do fim.

Eu tinha jurado que não comprava mais toalhas de renda, até porque o dinheiro estava curto naquele quase fim do mês, mas garantira que arranjaría alguém que a comprasse se ficasse pronta, o que não acontecia, já que estávamos apenas a quatro dias para a colocação das fitas.

O vestido azul continuava na montra e sempre que Magda conseguia um niquinho de tempo dava uma corrida até lá, apenas para ver se ainda não tinha sido vendido, garantia à mãe que reclamava do tempo perdido.

Uma das tardes, arranjou coragem e pediu à dona da loja que lho reservasse, mediante um pequeno sinal; aliás, tão irrisório que a dona não lho aceitou, dizendo-lhe que arranjasse o dinheiro e voltasse.

O coração de Magda franziu no peito, quando ao voltar lá no outro dia, para o namoro com a roupa, notou que trazia o sinal de vendido. Fez marcha atrás, pensando se valeria a pena ir à festa, quando a dona, da loja lhe gritou da porta que o vestido estava à espera dela.

Eu soube depois que a mãe, uma tia e uma vizinha em turnos de madrugada a madrugada estavam a lutar duramente para conseguir terminar o preço do vestido azul, o que de facto conseguiram.

Nunca chegaram a saber o suspiro de alívio que muitos peitos, todos cúmplices da mesma festa, saltaram naquele dia.

Não importa. Nem importaram as noites sem dormir, a tensão geral, os dedos comidos pela agulha, a luta para que a malha da renda de três pessoas tão diferentes, fosse absolutamente a mesma.

Eu nunca entrava para a festa dos finalistas e os olhos da menina de azul respondiam risonhos a todas as perguntas do mundo, ao lado da mãe e da vizinha que fora substituir o pai. A tia não pôde entrar porque cada aluno apenas tinha direito a dois convidados. Mas, na rua, ela não mostrava tristeza, deixando-se estar a olhar para a sobrinha, sem coragem, uma e outra, de se afastarem da porta.

Alguém falou com o aluno porteiro que, generosamente, a convidou a entrar, quebrando as regras, até porque, elas foram feitas para serem quebradas com o coração.

Ainda hoje, não sei quem foi mais finalista naquele sétimo ano conseguido.

O vestido azul e a menina eram os espaços enormes onde ballavam a mesma emoção, o mesmo nervosismo, a mesma esperança daqueles que eram todos finalistas.

A TRAIÇÃO DO TEMPO

Não sei se pescado no discurso oficial, se por conta própria, a verdade é que a jornalista disse ao longo da reportagem que os problemas de São Nicolau e, quiçá, os problemas de Cabo Verde só se resolverão com as chuvas. Possivelmente nem terá dito isso e eu ouvi mal, ainda pensando na notícia anterior. Mas, se ela fez de facto a afirmação acima e se se referia ao desemprego sem fim, à falta de bens e a inúmeras outras situações ligadas à pobreza, então eu não estou de acordo porque seria condenar desnecessariamente todo um povo à dependência de uma incógnita que há muito deixou de o ser para tomar o corpo de uma certeza. Somos um país seco, de seca garantida. Se ela se referia aos humores do crioulo, então sim, tem razão, porque, cá entre nós, pensando como eu penso, só poderia estar certa. Quem disse que quem pensa como eu é inteligente?

O crioulo, a partir de Junho, começa a incubar dentro de si um ser ruim, desconfiado, medroso, inseguro. E à medida que os dias passam e os meses entram e saem, os olhos ficam enviezados entre o céu e a terra, os lábios desaparecem nos encovados do rosto, resmungando por tudo e nada sobre a ingratidão das chuvas, a maldição das ilhas, os pecados cometidos. Traído, porque as nuvens maninhas mais uma vez cumpriram o seu destino de negar à terra o consolo da água, o crioulo enraivece-se contra tudo o que o rodeia. Torna-se insuportável de tão intolerante, tão feio, tão desamado.

As ruas, os espaços, o tempo tornam-se violentamente agressivos. E o crioulo com eles.

Eu fujo dos meus patricios nos meses das águas frustradas. Eu fujo de mim. Porque há tendência para se encontrar rapidamente um bode expiatório para as dores, para as traições sofridas, para os sonhos calcados, para as humilhações.

E os ruídos, as moscas e a imundícia alastram-se e entram pelos olhos, pelas narinas, pela pele adentro. Somos todos uma ameaça colectiva, de tanta tristeza.

A violência toma a dimensão maior e alguém envergonhado fala em fome.

Afasto-me e, no engano do sonho que me ensinaram a sonhar, vejo uma rua, uma aldeia, uma ilha, todas as ilhas regadas, verdes de chuva clara, com gargalhadas de chuva na boca dos meninos, com rios de chuva nos olhos dos homens, com o perfume da chuva nos corpos das mulheres.

Tudo fica calmo.

Depois, recuso acordar, temendo enfrentar a cidade seca, as gentes secas, os amores secos.

A ALEGRIA DOS SAPOS

À noite, telefone desligado, fico com as coisas que eu quero, o meu tempo, muitas vezes um delicioso nada. Ontem, não o silêncio e tocou a altas horas. Na sombra do sono, pensei que fosse o sapo debaixo da janela, gritando que estava vivo e feliz, pressentindo a minha preocupação por não o ter visto nos últimos dois dias, imaginando-o picado e estraçalhado por algum cão durante as suas passeatas pela vizinhança.

Não era o meu sapo, mas alguém que me disse, insensível à forma menos terna como me despertara:

— Tenho medo.

Depois de uma pausa que me permitiu acordar definitivamente e localizar um isqueiro para me ajudar a enfrentar o desconforto do sono interrompido, prometi ir ao seu encontro.

É tão raro dizermos do nosso medo! Não sei se por defesa, vergonha ou simplesmente ignorância, não o consideramos um dado adquirido, tal como a vida, a sede, ou mesmo a morte. E no entanto todos temos medos. Inúmeros medos. Inqualificáveis medos. Insuspeitos medos. Às vezes, ridículos medos.

— Tenho medo que amanhã seja tarde e que a ideia se faça. Estou só e não consigo mais fugir e nem sei se ainda quero fugir.

Tentando acalmá-la, disse-lhe que nós agimos sempre sob o efeito

do medo e que mesmo a nossa alegria é bastarda porque cruzada com ele. Basta ver o tempo efêmero de uma gargalhada, ou a imprecisão de um sorriso.

Pensei no medo dos simples, sincopadamente consumido no dia a dia. Imaginei o medo dos poderosos, despidoradamente camuflado, e calculei a distância que tinha que percorrer.

Ao sair, vi o meu sapo às voltas com uma aranha desastrada e feia. Deu um pulo para mim e enxotei-o com o pé, mas ele soube que eu estava contente de o saber de volta: os sapos têm outra sensibilidade.

Na rua, o tempo é cálido e uns pinguinhos de chuva dizem-me que é Julho. Vou contar à minha amiga que está a chover e que vale a pena viver, nem que seja somente para ouvir a alegria dos sapos.

VINGANÇAS CRIOULAS

Estávamos numa discussão de alto nível sobre as marcas de Tony para casa, motivo de vida ou morte.

Depois de uns tempos sem o ver, há dias, encontrei-o, magro, ca-bisbaixo e fugidio. Rumores falavam de problemas com a polícia e estava deveras curiosa por saber o que alguém, de tão boa índole, podia ter feito para cair nas malhas de tão respeitada e temida organização. Para mim, envolvimento com polícia é o último escalão que uma criatura pode alcançar, em queda livre ou não.

Sob ligeira, mas firme pressão, ele acabou por me contar a tragédia que o atingira e da qual, estava certo, nunca mais se recuperaria:

— Pois é, naquele dia do telefonema, estava uma mulher à minha espera, chorando, pedindo, rogando que lhe desse um borracho para fazer um remédio para o marido doente. Mal abri a porta, foi entrando e, quando dei por mim, ela estava dentro do meu pombal onde voam quinhentos pombos em liberdade condicionada. Ela pôde ver assim, com os seus próprios olhos que, para seu azar, naquele dia não havia nenhum borracho recém-nascido, como exigia o fim a que se destinava.

Como era caso de vida ou de morte, disse-lhe que tentasse o sacrifício de dez, vinte pombas para salvar o marido, com a única condição de serem pombas crioulas, porque as estrangeiras não as cedo nem

morto. É que, fui-lhe dizendo, as estranhas não merecem a injúria de serem sacrificadas em ritos de feitiçaria, mesmo que a causa fosse a mais nobre possível, como eu acreditava ser o caso. Com as crioulas é diferente — tentei explicar-lhe — já estão habituadas a maus tratos e injustiças, além de que se reproduzem com muita facilidade, o que cá para nós, confidenciou, quase chega a ser pecado e nem mesmo se importam mais com as porradas dos machos, as suas gritarias e pressões selvagens.

A velha recusou, dizendo que, para o efeito, tinha de ser sangue de borracho, tão novo, que de um dia ainda não vira a noite e, já ia a sair crioulanamente conformada, quando ouviu o piar educado de um borrachinho saindo do ovo. Os seus olhos grilliram para mim, para os céus e correu para o ninho de plumas vermelhas onde um casal de pombos importados, de pescoço comprido como girafa, e pelado, depois de incessantes e trabalhosos cuidados acabava de conseguir a sua primeira cria.

Não sei como, mas ela agarrou o borrachinho de pescoço comprido e pelado, meteu-o debaixo de uma das saias e fugiu como se tivesse guardado o próprio diabo e não o meu borrachinho que nem cheguei a pegar.

Matou-o, tirou-lhe o sangue, miستurou com vinho ou grogue, não sei bem; o homem bebeu e deu o último suspiro.

A sentença, da viúva e dos vizinhos, veio logo: o meu borracho tinha morto o velho.

Os familiares do defunto invadiram-me a casa, escaqueiraram o pombal, soltaram as pombas e os pombos das raças, as mais diversas e, inclusivamente, falaram em que eu tinha de ser castigado por ser o dono de bicho tão esquisito.

A situação pôs-se de tal forma incontrolável que a policia teve que intervir, pondo-me sob sua protecção, mas abrindo inquéritos e o mais que a lei prevê. Há dois dias apenas, depois da publicação dos resultados, eles se convenceram de que o velho tinha morrido da bebedeira que lhe deram a título de remédio. Consideraram-me, então, isento de culpa e, pela primeira vez em quinze dias, eu pude dormir em paz.

Sem dúvida que passei um mau bocado e eu penso que foi castigo por ter entregue o borracho estrangeiro àquela mulher-bruxa — terminou o desconsolado Tony.

Cá por mim, confesso que penso que foi vingança das pombas crioulanas, que elas também têm sentimentos.

SEM REMORSOS

Eu tinha que ouvir. Bom, não necessariamente, porque podia ter-me desligado como habitualmente, mas deixei-me estar, entrando na conversa, ficando de fora, protegida pelos óculos escuros e pelo livro aberto.

Falavam em enrustimento de relações; em mãos que se procuram e se tocam e não se encontram na viagem habitual, longínqua, cada um seguindo seus próprios pensamentos; nos risos envergonhados, sem eco nas paredes, que reclamam culpados; na voz cansada que geme estamos tristes, na outra triste que responde estamos cansados; nos colos agora travesseiros de livros e jornais; nos olhos que não param, cúmplices no olhar do outro; na agressividade das palavras; na agressividade terrível do silêncio.

E à palavra silêncio, o silêncio se fez. Olhei e vi seus olhos minguando-se, até se perderem no íntimo, no mais íntimo do mundo dos porquês de cada um, tacteando uma justificação para a monotonia que se instalará.

A voz regressou enrouquecida da viagem percorrida, e, ainda confusa, falou em frustrações e desencantos acumulados, na pequenez do meio, no jogo difícil da vida.

Fiquei atenta à análise e respirei fundo quando alguém falou em acomodação, preguiça, falta de garra para dar volta às coisas e aprovei-

tar de cada dia algo que provoque aproximação, diálogo e reencontro. Estavam vivas e lúcidas e senti-me feliz, quando uma delas quase gritou que a alegria é um bem precioso demais para se abrir mão dela, sobretudo por falta de imaginação.

Levantaram-se e, eu, inutilmente, tentei reabrir a frase do livro aberto.

Optei por escrever esta crónica. Sem remorsos por ter roubado pensamentos.

OS CAMINHOS INSONDÁVEIS DO PROFETA

Era Sexta-feira. O horóscopo anunciava uma combinação perfeita entre o Sol e a Terra, sob os auspícios de Baco. A *Semana* tinha saído bonitinho, com apenas duzentas gralhas, trinta na minha conta, para desespero do Jorge que mordida a raiva num pastelinho fingido de bacalhau, porque o mundo é ingrato e, quando se aprende bacalhau, esquece-se o fiel e camarada atum e, preferindo viver de ilusões, o baptismo toma outra dimensão, que não a de se expiar o pecado da carne fresca dos adultos, na carne tenrinha das crianças.

Entre a sala e a cozinha, as anedotas e estranhos pensamentos perdiam a paternidade e todos tínhamos a altura do céu, o encanto da lua e o fascínio de um deus, engarrafado numa das sete partilhas do mundo, que afinal não são sete. Todos, menos a companheira do João, que não falava, não comia, não bebia e nem mesmo sorria, com o ar de quem está perdido num apeadeiro solitário, a meio da noite.

Desisti de a integrar na loucura, porque cada um é senhor da sua opção e a minha era conseguir o sucesso do arroz persa, prato favorito da tribo e que, modéstia à parte, nenhum autóctone se pode gabar de o fazer melhor.

Um miúdo bateu à porta, chorando que vinha de longe e pedindo uma lata de água para a mãe que estava em trabalho de parto. Naquela semana, pelas minhas contas, ela já devia ter tido uns três bebés ou

então era de parto difícil. Como sempre, disse-lhe que era a última lata.

E a propósito de água, a conversa subiu uns dez tons acima, o que provocou perturbações no olfacto e, tarde demais, nos demos conta do cheiro a queimado que vinha da cozinha.

Eu queria ser como uma conhecida de choro fácil, mas só consegui encostar-me a uma porta, desolada e estupidamente comprometida.

As piadinhas cruéis dos amigos, não se fizeram esperar, porque o seu sentido de humor anda sempre regulado para chatear os outros e falava-se já em conflitos culinários internacionais, quando a companhia do João, que não comia, nem bebia ou falava, se levantou, agarrou uma pilha de pratos e distribuiu-os por nós, dizendo que os verdadeiros persas adoram o arroz fumado porque o fumo é uma das manifestações do Profeta.

Depois da confusão inicial e de toda a gente ter entrado, nublada-mente, ou não, no espírito evocado, o jantar foi salvo e o sucesso restabelecido. Só que agora tinha mais um dono: a moça calada que passou a ser o alvo das atenções e que afinal tinha o sorriso mais bonito da noite.

Quando lhe agradei a salvadora intervenção, disse-me com uma pontinha de cinismo, que as cozinheiras têm de dominar a mentira com convicção, como verdadeiros políticos.

Ela foi-se embora e fiquei a pensar no quanto a palavra convicção tem de mentira.

CONVERSAS DE COMADRES

Era uma verdade grande, bonita e tão minha que a escondia de toda a gente, incluindo os compadres e comadres com quem partilho os segredos mais secretos. Acordava de manhã, via que ainda lá estava brilhante, intranquila, convidativa, ficava mais segura e então seguia para a luta.

Alguns dias depois, à minha volta, comeci a notar uns cochichos, uns olhares desastrados e até certas reservas nos mais próximos.

Joana, uma amiga mais ousada convidou-me a um chá e quando eu entrava, ouvi:

— Passa-se algo muito estranho com ela. Os olhos brilham, a pele respandece e até o cabelo sempre adoentado tem qualquer coisa de diferente.

Outra lembrou que o meu andar se tornara mais lento como quem dialoga longas conversas com a calçada.

Estava calada, acariciando a minha verdade que, de repente, se lembrou de mim e deu um salto no meu peito.

Como estava lá alguém que desconhece o tacto social, aliás, despreza tudo o que é tacto, ao ver-me disse:

— Estamos preocupadas, porque já não és mais a mesma e damos conta que algo de grave se passa contigo.

Acordei. Afinal a lengalenga era comigo e procurei logo cortar as

suas preocupações, afirmando e jurando que estava tudo bem e que não havia crise.

— Muito bem até. Isso estamos a ver e aqui é que está o problema. Sempre fomos todas por uma e uma por todas e, agora, com o teu alheamento, sentimo-nos penalizadas, porque sem dúvida, e isto é facto assente, tu estás feliz e nós resolvemos que devemos participar.

Então era isso. Estava feliz, havia duas semanas, e eu sem querer aceitar o facto, com receio de quebranto e aquelas estuporas já tinham dado fé de tudo. Pelo que conhecia delas, sabia que não me iriam abandonar até lhes contar tintim por tintim o que se passava. Então, a minha verdade já não seria minha, pensei. Andaria nas praças, cafés, ca-beleiros e nas bocas do mundo. Via-a incompreendida, conspurcada e não gostei do sabor.

Elas queriam participar para se sentirem vivas, concluí rapidamente, e dispus-me a contar-lhes algo da minha felicidade.

Acomodaram-se nas cadeiras, olhos e ouvidos atentos, prontas para engolirem as minhas palavras, em vez dos deliciosos pastéis de camarão esquecidos nos pratos. Inventei uma oferta de viagem a Nova York, a capital fabulosa dos meus sonhos, mas a horrorosa comadre de olhos verdes lembrou-se que tínhamos viajado juntas àquela cidade e que eu estava a mentir, exigindo, com todos os direitos de pessoa enganada que, de uma vez por todas, lhes contasse o que se passava.

Afastei o copo, o prato e o meu corpo, preparando-me para lhes contar, de uma vez por todas, a verdade que me fecundava.
Silêncio na sala.

Desci ao âmago de mim. Procurei a alegria doce que me acalentara nos últimos tempos, a ilusão que eu fizera minha, o êxtase que eu apalpava em silêncio, longe do mundo delas. Não estava mais lá.

Um vazlo enorme atingiu-me e reflectiu-se nos meus olhos, na pele, nos cabelos.

Levantei-me e arrastei-me para a vida, quase sem ela.

ROSA NEGRA

Dizem que é louca. Ondulantemente louca como a própria loucura. Mas não atira pedras. As pedras das montanhas e do coração da terra! Belas demais para servirem de balas.

E porque agradecer as pessoas? Por não serem igualmente loucas? Por serem felizes nos risos alagados, nas lojas mofas de histórias falsas? Por mentirem e por dizerem a verdade? Por serem diferentes e iguais?

Nem pedras, nem olhares.

Ela é louca e os loucos não sabem olhar.

Ao ouvir dizer dos olhares vazios dos loucos, ri-se, porque sabe que eles olham para longe, para o mais longe dos longes, onde o acesso é privilégio dos que, racional e loucamente, optaram por um espaço indomável, onde o riso convive com cada sopro de vida, cada brilho de cada momento, cada oportunidade, no seu tempo limite.

Que importa se depois há um nada que se espelha na transparência, ou na cicatriz gravada no gesto fugaz do riso?

A fugacidade do riso dos loucos. Fugaz, também, o riso daquele menino que, mal o inicia, se volta para dentro de si, para o mundo cansado da miséria: a esperança não é para ele.

Ela chega leve, esvoaçante na sala preta.

— Negra, diz-me ela. Como negra é a noite, a paixão e a maresia. O

meu coração às vezes é negro e insondável e eu espelho-me nos seus batimentos descompassados, urgentes e conflituosos.

— Querias que a flor que te trouxe fosse negra como o som da morna numa cidade europeia e perfumada.

...há um flutuar de energia no ritmo do abraço antigo e, timidamente, eu digo-lhe:

— Comprei um cartão de Natal com o seguinte dizer: «No fim do caminho/No último instante do fim/Eu estarei contigo». Gostas?

— Rídiculo. Acho parvo esperar o fim do caminho. Cada passo é um fim. Cada minuto, um dia; cada dia, uma história. Belo é assim: «Ao longo do caminho/no primeiro instante de um momento qualquer, estaremos juntos/Em muitos momentos de um instante qualquer».

— Estragaste a minha alegria. Já não gosto do poema que eu com-
prei. — ensaio um sorriso.

— Um poema não se compra nem se encomenda. É como a paixão. Sem se preocupar em saber dos meus farrapos, saiu, deixando, na mesa, a flor que pedira para mim de um impossível jardim e que cheirava a saudade. Sabia a mar e falava de um lugar tão distante que eu não chegava lá.

É que eu não tenho a loucura da Leonor, capaz de trazer para mim e para ela o inferno e o céu de instantes longínquos.

PONTO FINAL

Com o alheamento caldeado nos portos e cais da vida, nas cal-
marias e temporais, nas delicadas algas e nos recifes traiçoei-
ros, baloiça, ao ritmo imprevisível da sétima onda. A última.

Projectou a largada sem definido destino.

Destino é o momento em que se encontra ancorado. Sempre foi
assim. Nunca poisou em nenhum cais, em nenhum porto, em nenhu-
ma onda, definitivamente. Nem em si mesmo, o que foi mais duro.

Dias houve em que as correntes e a âncora se lhe agarraram à alma
e o puxaram para o fundo, sempre mais para o fundo.

Inerte pra resistir, conheceu a aflição do fim. E os seus encantos e
a tranquilidade também. Doutras vezes, outras ondas, outros ventos o
empurraram para cima e, extasiado com o sol, largou o corpo em di-
recção a todos os caprichos.

Que importa o resto, se o prazer existe?

«Hoje tenho saudades tuas» — letras esbatidas na madeira frágil.

Quem se atenta ao nome, à dor, ao casco roído?

A hora da largada.

E os porões? Os nossos porões: o meu e o teu. Nas ranhuras húmi-
das, o frio e o choro. Também delirios.

Portos e horizontes para o navio que continuará a trazer e a levar,
a levar e a trazer o que não cabe em ti e em mim. Indiferente.

O teu grito no meu riso: pensa o pássaro, sobrevoando o peixe prateado.

Eu e você. Tudo se confunde. E há as velas de sonho que se abrem e me envolvem sob o céu reconstituído, onde as cores, o peixe prateado, os porões e o casco, as velas, o frio, o choro e a saudade gritam ternuras.

Foi uma longa viagem.

Hoje, o abraço e o ponto final.

ÍNDICE

Liberdade adiada	5
A oportunidade do grito	7
Morrer de amor	9
Campeão de coisa nenhuma	11
Onde está a verdade?	13
Uma viagem de saudades.. ..	15
Foram as dores que o mataram ..	17
Filho és, pai serás	19
...Ou quando Santo Antão é apenas silêncio	21
Para quando crianças de Junho a Junho?	23
Ele queria tão pouco	25
E porque havia de não gostar?	27
Um ilegítimo desejo... ..	31
Mãe não é mulher	33
Forçadamente mulher, forçosamente mãe	35
Sem idade sem verdade	37
O conhecimento em debate	39
A indústria de tambores	41
Please come back to me	43
Filho de Deus nenhum	45
Álcool na noite... ..	47

Tabus em saldo.....	49
O que é isso de liberdade?.....	51
Com todo o respeito, um camarada.....	53
Um encontro para depois	55
Natal	59
Eram todas finalistas	61
A traição do tempo.....	63
A alegria dos sapos.....	65
Vinganças crioulas.....	67
Sem remorsos	69
Os caminhos insondáveis do profeta	71
Conversas de comadres	73
Rosa Negra	75
Ponto final.....	77